

SOB QUE MÁSCARA RETORNARÁ O RECALCADO?¹

Rosângela Aparecida Volpato
Universidade Metodista de Piracicaba

Resumo

Discussão acerca das idéias de Norbert Elias presentes no artigo “On Human Beings and their Emotions: a process-sociological essay”, a fim de destacar as inovações em termos antropológicos e epistemológicos, nelas contidas.

Palavras-chave: Norbert Elias; seres humanos; emoções.

O artigo intitulado “On Human Beings and their emotions: a process-sociological essay”, escrito por Norbert Elias (1897-1990), foi originalmente publicado na revista *Theory, Culture & Society*, vol. 4 (1987), p.339-61. Munida de diversas leituras e numa tentativa de tradução desse artigo, buscarei elaborar algumas reflexões com o intuito de discutir as visões antropológica e epistemológica que permeiam o texto.

Partindo da discussão sobre as emoções humanas, o autor busca re-visitare antigos dualismos presentes nas concepções acerca dos seres humanos. Apontando a forte tendência dos psicólogos e biólogos em discutir nossas emoções evidenciando somente os aspectos estruturais que compartilhamos com que se supõe serem as emoções das outras espécies animais, propõe uma reflexão baseada na sociologia dos processos que visaria a *unificação funcional das características (emocionais) que compartilhamos com as outras espécies e aquelas genuinamente nossas* (ELIAS, 1991:103).²

Na discussão presente no apêndice da obra “O Processo Civilizador” - vol. I, ELIAS afirma que a sociologia dos processos sociais de longo prazo elaborada por pensadores do século XIX, sofreu uma reação extremamente violenta por parte dos pensadores do século XX. Fazendo uma re-visão dessas reações críticas, o autor defende a importância do resgate da Sociologia dos Processos, principalmente devido ao seu aspecto complexo e dinâmico, em contrapartida as características estáticas presentes na Sociologia do século XX.

A importância da abordagem dos fenômenos a partir da sociologia dos processos sociais de longo prazo é novamente evidenciada nesse artigo, sobretudo a partir da crítica elaborada pelo autor a respeito das duas tendências opostas observadas até hoje nas ciências humanas. A primeira tendência teria seus pressupostos ancorados somente nos aspectos naturais dos seres humanos, permanecendo numa visão monística e reducionista da natureza humana, enquanto que a segunda, centrando-se nos aspectos chamados culturais, históricos ou espirituais, permanecem sem muita reflexão e de forma implícita numa perspectiva dualista, ou seja, *numa antiga tradição que sugere uma divisão absoluta entre natural e não-natural, na qual assenta sua concepção acerca dos seres humanos* (ELIAS, 1991:105).

Para ELIAS, as duas tendências, apesar de adotarem perspectivas opostas, baseiam-se numa herança conceitual que permite apenas uma abordagem estática do fenômeno humano. No entanto, a evolução é um processo que combina duas grandes características, ou seja, continuidade e inovação. Não conseguindo compreender a natureza dos processos, essas duas tendências permanecem no isolacionismo e no reducionismo.

Assim sendo, o autor acredita que a partir da perspectiva processual da sociologia, as emoções podem ser um bom, embora não o único ponto de partida de reconstrução e de indicação dos elos desaparecidos do processo que gerou a emergência da espécie humana atual. Sugere que a partir dessa reconstrução, talvez possamos enfrentar as dificuldades que temos, enquanto seres humanos, com a nossa auto-imagem e com o fato de sermos simultaneamente iguais e diferentes dos outros animais.

Penso que seu principal objetivo nesse artigo é a busca de uma visão unificada acerca dos seres humanos, ou seja, uma concepção que re-una nossos aspectos naturais/culturais, corporais/espirituais, reintegrando-nos ao longo processo que percorremos e, através do qual, “naturalmente”³ emergimos.

Para tratar das emoções humanas, o autor desenvolve três hipóteses acerca dos humanos. Apesar de mencioná-las separadamente, fato que atribuímos a característica linear da linguagem escrita, alerta que devemos ter em mente que elas se dão de forma entrelaçada, mesmo não pertencendo ao mesmo nível de síntese.

A primeira hipótese parte do pressuposto de que todos animais aprendem, ou seja, combinam seu equipamento de comportamentos inatos com uma capacidade para comportamentos adquiridos. Traços de aprendizagem já podem ser detectados na conduta dos animais em estágios mais primitivos do processo evolucionário. Porém, essa capacidade de aprender baseia-se principalmente na programação genética; é específico da espécie e invariável. Na conduta dos animais em estágios mais avançados da evolução, como no caso dos macacos, a balança entre condutas adquiridas e condutas inatas tende em favor das últimas. No entanto, para ELIAS (1991: 108)

(...) enquanto espécie, os seres humanos representam uma inovação evolucionária, ou seja, (...) no caso da espécie humana que vive até o presente, a balança de força entre as condutas adquiridas e inatas tomou um novo rumo. Num primeiro momento do processo evolucionário, os aspectos adquiridos do comportamento dominante tornaram-se clara e inconfundivelmente superior em relação aos aspectos inatos.

¹ Verso retirado da música *A fábrica do poema* de Adriana Calcanhoto.

² Realizei todas as traduções das citações do artigo de Elias. Responsabilizo-me inteiramente pelas possíveis falhas existentes.

³ Torna-se necessário fazermos a observação de que esse naturalmente vem acompanhado de aspas devido a discussão que será abordada nas próximas linhas sobre a proposta do autor de revisão dos conceitos de natureza e conseqüentemente de cultura.

O que me surpreende nessa hipótese de NORBERT ELIAS é o fato dele considerá-la simples e até mesmo óbvia. Hoje, depois de um intenso contato com leituras na área das biociências, tenho condições de concordar plenamente com ela. No entanto, discordo inteiramente sobre a simplicidade e obviedade. Essa postura do autor nega sua crítica em relação ao dualismo existente no interior das próprias ciências humanas e, além do mais, no interior da própria ciência que se separa, até hoje, em dois grandes compartimentos: naturais e sociais. Aceitar que o processo de aprendizagem é uma resposta adaptativa de todos os animais é algo, no mínimo, bastante inovador.

Faço essa ressalva não com a intenção de criticar o autor, pois acredito que ele está na vanguarda do pensamento do nosso tempo. Mas gostaria de alertar o leitor sobre a mudança de perspectiva apontada por ele. Os pressupostos da sua primeira hipótese, ou seja, todos os animais aprendem, exige uma re-orientação nas concepções antropológica e epistemológica que permeiam as pesquisas científicas.

A título de exemplo, podemos refletir sobre as conseqüências desses pressupostos nas concepções pedagógicas existentes. Mesmo correndo o risco de cometer alguns “simplismos”, arrisco-me a apontar o fato de que muitas dessas concepções partem do pressuposto de que os seres humanos são animais racionais e essa racionalidade é vista como a capacidade de aprender que nos distingue dos outros animais. Ora, o autor diz, todos os animais aprendem, mas os seres humanos representam uma inovação evolucionária somente no sentido de a balança entre condutas inatas e adquiridas tender em favor das últimas! A partir disso, qual o significado de aprender? O que podemos considerar como aprender? O que significa possuir racionalidade? Ela é uma capacidade unicamente mental? A mente é algo despregado do corpo?

Bem, continuemos apresentando sua segunda hipótese acerca dos humanos. Para o autor, *os seres humanos não apenas podem aprender mais que qualquer outra espécie, eles também devem aprender mais* (ELIAS, 1991:109). Eu acrescentaria, não só devem como necessitam aprender mais, pois segundo o próprio autor, apesar do nosso comportamento combinar aspectos inatos e adquiridos, nós somos o único exemplo de seres vivos existentes hoje, em que os aspectos inatos tornaram-se subordinados aos aspectos adquiridos. Devido a esse fato, as potencialidades inatas de comportamento perderam muito de sua inflexibilidade genética. Dessa forma, ficamos totalmente dependentes das formas de conhecimentos adquiridos, principalmente da nossa capacidade de comunicação baseada nas palavras.

Citando o exemplo dos meios de orientação, o autor demonstra a intrincada relação dos aspectos inatos e adquiridos na formação dos seres humanos, até mesmo na formação da nossa individualidade. Nossos meios de orientação inatos e específicos da espécie quase desapareceram, ou seja, nossa espécie já não consegue encontrar ou distinguir, através de conhecimentos inatos, os alimentos venenosos ou comestíveis. Esse exemplo mostra que somente a partir de um amplo conhecimento de fundo social desenvolvido através de diversas gerações é que podemos sobreviver. No entanto, esse conhecimento socialmente adquirido só pôde ser desenvolvido a partir das estruturas biológicas remanescentes do processo de evolução.

Com o intuito de elucidar essa questão, Elias toma como exemplo o processo infantil de aprendizagem da linguagem:

Tomemos como exemplo o aparato vocal das pessoas. Os seres humanos não podem aprender os complicados modelos sonoros da linguagem humana sem estarem biologicamente equipados para essa tarefa. Sem dúvida, um aparato vocal infantil é inicialmente usado inteiramente para a produção de sons pré-lingüísticos inatos e, vários sons desse tipo permanecem com os humanos por toda a vida. Eles são, como os meios de comunicação fixos e inatos dos animais, altamente espontâneos e favoravelmente rígidos, unindo situações internas e externas dos animais ou humanos para produzirem esses sinais. (...) No caso do ser humano, até mesmo esses sons poderão se tornar gradualmente controlados de forma consciente e serem modificados através da aprendizagem quando crescem. Entretanto, nos bebês ainda se pode observar como os mais animais sons específicos da espécie estão gradualmente revestidos como um meio de comunicação. Eles se tornam gradualmente revestidos por, e perdem sua supremacia para um sistema de comunicação totalmente diferente, comunicação por meio de uma língua que existia antes da criança nascer e que terá que aprender dos mais velhos através de relações pessoais que envolvem sentimentos e emoções tanto quanto o intelecto, um relacionamento de “love-and-learn”. (...) O que se observa em toda criança pode bem ser considerado uma réplica reduzida da seqüência evolucionária. Possivelmente, um aprendizado infantil da linguagem é criado pelo entrelaçamento de dois processos: um processo biológico de maturação e um processo social adquirido (ELIAS, 1991:111).

Como o próprio autor havia apontado, suas hipóteses acerca dos seres humanos estão entrelaçadas. Todos os animais aprendem, no caso humano o domínio do adquirido se sobrepôs ao inato, porém eles se dão de forma interdependente. A partir desse pressuposto, podemos perceber que a antiga distinção existente entre cultura e natureza cai por terra, ou seja, necessitamos re-definir esses conceitos. A partir das duas tendências existentes no interior das ciências humanas, concebia-se todo conhecimento adquirido através da aprendizagem como algo não-natural ou até mesmo anti-natural, enquanto que o natural era concebido como algo imutável e separado do aprendido e variável. Não se admitia a necessidade da flexibilidade mútua, a fim de possibilitar a inter-relação dos dois aspectos. Com isso, passamos a denominar cultura, sociedade, entre outros, os aspectos adquiridos através do processo de evolução. Estabeleceu-se dessa forma o dualismo.

Penso que diante dessas questões temos plenas condições de percebermos a reviravolta nas concepções antropológicas e epistemológicas vigentes até hoje. A partir disso, podemos depreender que conhecer e se tornar um ser vivo são processos indissociáveis. Assim como, aprender e se tornar humano não são processos prevalentemente sócio-histórico-culturais como é fortemente apregoado pela tendência humanista dualista. E, muito menos, admitir que os aspectos naturais dos seres humanos sejam inflexíveis e apenas geneticamente determinados. Insisto: a inter-relação entre os aspectos inatos e adquiridos se dão através de uma flexibilidade mútua.

MATT RIDLEY em sua obra “As origens da virtude: um estudo biológico da solidariedade”, busca encontrar na evolução respostas acerca de como foi possível a emergência da sociedade humana. Dissecando pesquisas recentes que mostram que a mente humana desenvolveu um instinto especial para as relações sociais, traça a evolução da sociedade desde os genes, passando pelos insetos, morcegos vampiros, macacos e golfinhos para chegar aos humanos. Suas idéias vem de encontro com a visão de ELIAS sobre o fato de que a sociabilidade humana seja decorrente do processo evolutivo. Para RIDLEY, “A sociedade não é invenção de pensadores. Ela evoluiu como parte da nossa natureza. É, tanto quanto corpo, produto do genes. Para compreendê-la devemos olhar dentro do cérebro, para os instintos de

criar e explorar vínculos sociais” (2000:15).

Dando continuidade, ELIAS apresenta a terceira hipótese acerca dos humanos, dizendo que com relação às emoções ocorre o mesmo fenômeno de entrelaçamento entre os aspectos inatos e adquiridos. Frente a isso, demonstra ser impossível continuar equiparando nossas emoções com as dos outros animais. Isso não significa negar o fato de que eles possuam emoções. Mas, enquanto suas emoções ficam, na grande maioria dos casos, restritas a um modelo rígido específico da espécie, em nós as potencialidades emocionais se modificam, principalmente considerando o fato de que podemos expressá-las através da fala, o que produz um efeito ao mesmo tempo amplificador e restritivo. Em outras palavras, através do convívio social permeado pela linguagem vamos aprendendo a modificá-las, permitindo novos campos semânticos e, ao mesmo tempo, o controle delas⁴.

O autor faz um alerta a respeito do uso do conceito de emoção, propondo uma ampliação do seu sentido. Para ele, ela possui três componentes: um somático ou fisiológico, um comportamental e um sentimental. Dessa forma, estabelece a diferença entre sentimentos e emoções. O sentimento seria um dos componentes da emoção. Aqui residiria a diferença fundamental entre os humanos e os outros animais. Os três componentes estariam presentes nas nossas emoções e nas deles. A diferença consiste no fato de que podemos expressar nossos sentimentos através da fala. Muitos estudos que comparam reações emocionais humanas com as dos outros animais não consideram esse fator.

Se observadores humanos descobrem que uma espécie não-humana, em caso de perigo, demonstra comportamentos e, talvez, modelos de reação somática semelhantes aos dos seres humanos numa situação de perigo, tendem a concluir que os membros daquela espécie também têm a mesma experiência sentimental demonstrada pelos seres humanos numa situação semelhante. Visto que, no caso dos animais, a verbalização é escassa, isto se torna uma conjectura. No caso dos macacos e outros mamíferos superiores é provavelmente certo que eles assumam algumas formas de experiências sentimentais semelhantes daquelas dos humanos. Existem algumas razões para se pensar que os pássaros possuem fortes experiências sentimentais embora, altamente estereotipadas. Mas como estão abaixo em termos de escala evolucionária, entramos num território relativamente pouco conhecido. Os peixes possuem alguns sentimentos? Ou as formigas operárias? Até o presente não se pode afirmar (ELIAS, 1991:118).

Como já dissemos, a linguagem permite criações de novos significados para nossas emoções. Exemplo disso, é o fato de muitas sociedades “machistas” encararem o choro dos meninos como algo indesejável. Esse seria um significado específico atribuído ao choro que contribui para que as emoções (sentimentos, comportamentos e aspectos somáticos) sejam reprimidas, modificadas de acordo com o contexto sócio-cultural que estão inseridas.

Sugerindo que uma boa estratégia para a pesquisa das emoções é o estudo da face que, sendo primitivamente rígida e peluda, evoluiu para os rostos nus e flexíveis dos humanos atuais, demonstra mais uma vez a inter-relação entre aspectos inatos e adquiridos no processo evolutivo dos seres humanos. Ressalta, ainda, que o estudo das emoções não avançará enquanto o conceito de ser humano, assim como, o próprio conceito de emoção não forem re-considerados e encarados como fenômenos emergentes no processo de evolução, que se caracteriza como um processo de longa duração

Minha intenção nessa discussão foi a de evidenciar os aspectos inovadores trazidos pelo autor em relação aos conceitos de natureza e de ser humano, assim como, na concepção de aprendizagem. Receio que a forte tradição dualista pela qual nos embrenhamos a fim de construirmos os pressupostos científicos da modernidade, possa nos impedir de percebermos o impacto dessas inovações.

Penso que essa tradição muito contribuiu para o acirramento do antropocentrismo, o qual, por sua vez, influenciou na tremenda dissociação, abstratamente construída, dos seres humanos e a natureza.

Os frutos colhidos, na maioria das vezes, têm sido de sabores amargos. Posso citar: desprezo pelo meio ambiente; ênfase no progresso científico em detrimento da valorização das relações humanas pautadas na afetividade; produção científica desvinculada das questões éticas; racionalidade vista unicamente como capacidade de pensar de forma lógica e abstrata, desconectada da percepção, emoção e ação.

Se, como nos diz ELIAS, conhecer é uma capacidade inerente a todos os animais e, estudos recentes na área das biociências ampliam para todos os seres vivos, resta encerrar perguntando: por quê será que o conhecimento humano distanciou-se tanto da lógica natural da vida? O que fizemos com nossas emoções?

Talvez não as tenhamos perdido. Quem sabe, enredados nas teias do processo civilizador ocidental, na “cortesia” pautada na abstração, na lógica, ou seja, nas características masculinas que habitam todos os seres humanos, não estejamos dispensando a elas o enfoque que merecem e que necessitamos para resgatar o prazer do conhecer/viver. Segundo a visão de NORBERT ELIAS e de SIGMUND FREUD, para o desenvolvimento da civilização foi e, ainda se faz necessário o controle das emoções. Pensamos que isso não significa negligenciá-las. Nesse sentido é que podemos perguntar: sob que máscara retornará o recalçado?

Abstract

A short discussion about Norbert Elias ideas included in his articles *On Human Beings and their Emotions: a process-sociological essay*, in order to highlight the innovations in anthropological terms and epistemological, in them contained.

Key words: Norbert Elias; human beings; emotions.

⁴ ELIAS traça um extenso panorama histórico-sociológico acerca do controle das emoções na sua obra: *O Processo Civilizador* - vol. I.

Referências Bibliográficas

ELIAS, N. *O Processo Civilizador*: vol. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

ELIAS, N. On human beings and their emotions: a process-sociological essay. In: FEATHERSTONE, M., HEPWORTH, M.; STURNER, B. (eds.). *The body: social process and culture theory*, London, Sage, 1991. pp. 103-25.

RIDLEY, M. *As origens da virtude*: um estudo biológico da solidariedade. Rio de Janeiro: Record, 2.000.